

# A EUCARISTIA E A PESSOA COMO GUARDIÃO NA *LAUDATO SI*: PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES TEOLÓGICAS E FILOSÓFICAS DIANTE DO SÍNODO DA AMAZÔNIA

*THE EUCHARIST AND THE GUARDIAN AT LAUDATO SI: MAIN THEOLOGICAL  
AND PHILOSOPHICAL CONTRIBUTIONS TO THE AMAZON SYNOD*

Nelson Maria Brechó da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo parte da encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco no tocante à Eucaristia (cf. n. 236-237). Procura-se analisar a elevação da criação na eucaristia como fonte motivadora ao cuidado do meio ambiente. Há várias discussões teológicas sobre a forma de abordar o sacramento da eucaristia. Assim, destaca-se, num primeiro momento, o pensamento de Marsili que articula a reflexão da memória como presentificação. Segundo, a visão de Giraud e de Taborda numa perspectiva mistagógica. Desse modo, na análise destes autores, percebe-se que a maneira o Papa Francisco apresentar a eucaristia vai, especificamente pelo viés mistagógico. Além do mais, num terceiro momento, realça-se uma reflexão filosófica a partir da expressão proposta pelo Papa Francisco de que o ser humano é guardião do mundo. Para tanto, a filosofia de Montaigne pode muito colaborar nesta visão de que cabe à pessoa conhecer o mundo e a si mesmo. Depois, na conclusão, ilustram-se algumas passagens da literatura joanina acerca da vida e do amor. Esta reflexão teológica-filosófica pode proporcionar diversos caminhos para compreensão do Sínodo da Amazônia como fruto de amadurecimento da *Laudato Si*.

**Palavras-chave:** Eucaristia. Reapresentação. Mistagogia. Guardiã. Suspensão do juízo.

**Abstract:** This article comes from Pope Francis encyclical *Laudato Si* regarding the Eucharist (cf. n. 236-237). We seek to analyze the rise of creation in the Eucharist as a motivating source for environmental care. There are several theological discussions on how to approach the sacrament of the Eucharist. Thus, at first, the thinking of Marsili that articulates the reflection of memory as presentification stands out. Second, the view of Giraud and Taborda in a mystagogical perspective. Thus, in the analysis of these authors, it is clear that the way Pope Francis presents the Eucharist goes, specifically, through the mystagogical bias. Moreover, in a third moment, a philosophical reflection is highlighted from the expression proposed by Pope Francis that the human being is the guardian of the world. To this end, Montaigne's philosophy can greatly contribute to this view that it is up to one to know the world and oneself. Then, in conclusion, some passages from the Johannine literature on life and love are illustrated. This theological-philosophical reflection may provide several avenues for understanding the Amazon Synod as a result of the maturation of *Laudato Si*.

**Keywords:** Eucharist. Resubmission. Mystagogy. Guardian. Suspension of judgment.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo e doutorando em Teologia pela mesma instituição. Bolsista CAPES modalidade II. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura Joanina pela PUC-SP. Docente do Departamento de Teologia da Faculdade João Paulo II (FAJOPA) de Marília-SP. E-mail: nelsonbrecho@yahoo.com.br

## **Introdução**

A encíclica *Laudato Si* aponta diversos elementos do meio ambiente, tais como: o cuidado do mundo e do papel da pessoa como corresponsável na obra da criação. Neste artigo, delimita-se o estudo da eucaristia e da pessoa como guardião do mundo (cf. n. 236-237). Disso decorre uma reflexão teológica e filosófica para maior aprofundamento do tema.

Procura-se analisar alguns posicionamentos teológicos sobre a Eucaristia. Primeiro, Marsili trabalha com a ideia da memória como atualização a partir da leitura simbólica. Segundo, ao examinar a Eucaristia como fonte motivadora permite a leitura mistagógica proposta por Cesare Giraudo e Taborda, na qual a comunidade é rerepresentada ao evento fundante. Nesse sentido, a última ceia orienta, Jesus e seus contemporâneos, a um futuro imediato, a saber, à sua morte e ressurreição. A Eucaristia, por sua vez, futuro longínquo em relação à última ceia, é por esta inaugurada. Entretanto, o memorial ofertado pela Igreja realiza a rerepresentação pela graça ao Mistério Pascal de Cristo.

Ademais, o caráter memorial consiste, com efeito, na rerepresentação ou, também na presentificação. A pessoa é um ser simbólico e, através do símbolo, Deus se comunica com a humanidade. O símbolo remete ao seu significante e torna-o presente. É o caráter memorial. Ao celebrar a Eucaristia, a comunidade é rerepresentada ao evento fundante: morte-ressurreição de Cristo e se compromete a viver a entrega de Jesus, tornando-se Corpo eclesial. Assim, constata-se que o mistério eucarístico abraça e penetra toda a criação.

Num terceiro aspecto, sublinha-se o papel da pessoa como guardião do mundo. Para essa explicação, faz-se uma reflexão filosófica da *epoché*, suspensão do julgamento em Montaigne, que, de certo modo, auxilia na compreensão da palavra guardião como pessoa participante no mundo. Montaigne valoriza a vivência da *zoé*, vida como experiência a ser meditada e a oportunidade de conhecer melhor o mundo e a si mesmo. A literatura joanina, conforme se verá na conclusão deste artigo, também traz apontamentos, dentre eles a *zoé*, vida e o *ágape*, amor oblativo expresso na doação ao próximo. Diante disso, o Sínodo da Amazônia vem como fruto de amadurecimento da *Laudato Si*. Vivenciar a eucaristia é reconhecer a dignidade da pessoa humana como capaz de suspender o juízo e de ser guardião da obra do Criador.

## **1. A Eucaristia como atualização em Marsili**

A obra *Sinais do mistério de Cristo* de Salvatore Marsili, publicada no ano de 2010 pela Paulinas, mostra uma apresentação feita por D. Michele Alberta, osb.

Num primeiro momento, D. Michele destaca o papel do Pe. Abade Salvatore Marsili como teólogo da liturgia. A compreensão autêntica da liturgia ocorre na dimensão da teologia do Mistério de Cristo (cf. p. 11). Segundo Marsili, “a liturgia é o lugar onde continua a desenvolver-se a história da salvação” (p. 12). Disso resulta a relação entre a fonte, a saber, Cristo e a celebração litúrgica. Mas, o que garante esse resultado é o instrumento da pesquisa realizado por meio de uma refundação teológica, na qual o autor almeja o âmbito patrístico para fundamentar sua intuição da liturgia dos mistérios. Por essa razão, ele segue a linha do movimento bíblico patrístico: “os fundamentos da reatualização dos Mistérios de Cristo deveriam ser buscados na Bíblia” (p. 13).

Haja vista um segundo momento, em que D. Michele apresenta minuciosamente o eixo do pensamento de Marsili relacionado à Patrística e, em contrapartida, o da escolástica. A sua doutrina tem como base a construção da Teologia a partir da celebração litúrgica. Ele costuma usar as expressões “teologia da liturgia” ou “teologia litúrgica”. Assim, de acordo com Marsili, “a Escritura se revela e é posta em ação na liturgia” (p. 14). A Teologia se faz através da pergunta acerca do que é a Eucaristia na Escritura e como esta aparece na celebração litúrgica” (p. 14-15). Nota-se o paralelo entre Escritura e liturgia. O pensamento escolástico, por sua vez, considera uma visão dogmático-especulativa da litúrgica como *locus theologicus* para provar um dogma de fé. No entanto, Marsili prefere ir ao âmago da liturgia mediante a tradição patrística.

O terceiro ponto dado por D. Michele consiste na relação entre Teologia litúrgica e a dimensão antropológica realizada por Marsili. Ele a caracteriza como teologia da presença e da ação de Deus na história da salvação humana. Aliás, “a teologia tem por objeto uma pessoa viva, presente, operante: *credo Deum, credo Deo, credo in Deum*” (p. 15). Essa pessoa se chama Cristo que vive na história, o Cristo atual. O ponto ápice para o entendimento cristológico consiste na Páscoa, porque nela se reúne todos os raios da sacramentalidade Cristã. Faz-se mister uma leitura na perspectiva tipológica do Antigo Testamento, bem como no simbolismo antropológico para se entender a linguagem “sinal” dos sacramentos.

D. Michele frisa um quarto elemento essencial de Marsili, que corresponde ao “Mistério de Cristo” e aos sacramentos. Ele, como Filho de Deus, concedeu a plenitude e realidade a sinais já preexistentes e já relacionados na história da salvação. Dessa forma, assume e consagra a tradição veterotestamentária até haurir dela os sacramentos (cf. p. 18). Quanto aos sacramentos, o Batismo se apresenta na iniciação cristã e relacionado à Confirmação e à Eucaristia. Depois, aborda a Penitência e a Unção dos Enfermos. Contudo, não comenta sobre a Ordem e o Matrimônio.

Conforme o verbete *sacramentos* redigido por Marsili no dicionário de liturgia das Paulinas, existem três proposições acerca da reflexão sistemática dos sacramentos. Primeiro, os sacramentos produzem o que significa no plano revelado da salvação, conforme a realidade de Cristo. Segundo, os sacramentos se dizem eficazes para a salvação, porque realizam no ser humano o mistério de Cristo. Terceiro, os sacramentos são realização do único mistério de Cristo, ou seja, da única graça santificante (cf. p. 1058-1069).

Diante dessa exposição da reflexão marsiliana, constata-se a relevância do retorno às origens para que se possa iluminar o novo. A celebração litúrgica e a Sagrada Escritura, amparadas pela tradição patrística, podem auxiliar a novas perspectivas no sentido da Eucaristia como atualização. Mas, nota-se que é diferente da forma apresentada pelo Papa Francisco. Ele vai no sentido mais profundo da eucaristia, relacionando-a com o abraço e com a penetração do mistério eucarístico na obra da criação. Nesta afirmação, percebe-se a eucaristia como reapresentação e como experiência mistagógica.

## **2. A eucaristia como reapresentação em Giraudo e em Taborda**

A obra *Num só corpo. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia* de Cesare Giraudo procura refazer, num nível científico-crítico, o caminho dos Padres da Igreja em suas catequeses mistagógicas. Ocupa-se primeiro, longamente, da dinâmica teológica da celebração eucarística como se manifesta em seu ato (*lex orandi*). Para tanto, percorre toda a história da salvação, a começar da criação e do pecado, tal como as anáforas (especialmente orientais) e as catequeses patrísticas ensinam ser necessário fazer, para atingir então uma compreensão cabal da eucaristia no contexto da ação de Deus em sua aliança com a humanidade (cf. TABORDA, 2008, p. 595).

O termo *mystagogein*, mistagogia, que significa ser conduzido pelo mistério, desenvolvido por Giraud na sua reflexão teológica tem em vista, por um lado, o sentido ciriliano, uma vez que a catequese que explicita teoricamente a experiência dos sacramentos recebidos. Por outro, parece assemelhar com o dionisiano, no qual trabalha o desenvolvimento de uma teologia dos sacramentos e da liturgia sem separá-la da experiência.

Há dois passos do método mistagógico que são essenciais para aprofundar-se na *lex orandi*: primeiro, identificar na Escritura, ora no Antigo Testamento, ora no Novo Testamento, a passagem ou as passagens que explicitem a salvação que se celebra nesta liturgia. Segundo, retornar ao rito, aplicando a ele o que foi visto nos passos anteriores. A liturgia é interpretada a partir dos textos bíblicos que se referem ao evento que a fundamenta.

Nesse sentido, a identificação da passagem ou das passagens da Escritura que descreve (m) o evento salvífico ao qual o sacramento se refere e a aplicação à liturgia de tudo o que se encontrou ao aprofundar o evento de salvação. O método-base nesse modo de fazer teologia é a tipologia bíblica que permite unificar o Mistério, sua celebração e a explicitação do sentido do Mistério para os participantes.

Taborda reflete sobre o pensamento do Papa Francisco numa “Audiência aos participantes da 68ª Semana Litúrgica Nacional, realizada no dia 24 de agosto de 2017. Primeiro, ele define que a liturgia é viva graças à presença de Cristo; segundo, ele aponta que a liturgia é vida de todo o povo de Deus (Igreja); terceiro, ele acentua que a liturgia é vida, porque evento experiencial (cf. TABORDA, 2018, p. 93).

Ele define a liturgia como atuação, nos santos sinais, do sacerdócio de Jesus Cristo, ou seja, a oferta de sua vida até estender os braços na cruz, sacerdócio tornado presente de modo constante através dos ritos e das orações, maximamente em seu Corpo e Sangue. Desse modo, a liturgia é vida para todo o povo da Igreja e se apresenta com uma vivência de uma experiência iniciática e transformadora. A liturgia é a ação litúrgica por excelência (cf. TABORDA, 2018, p. 93), de modo que se pode fazer uma reflexão teológica litúrgica a partir da *lex orandi*.

Além disso, para Taborda, a definição de liturgia poderia ser como o lugar da expressão da fé, no qual a revelação se torna acessível aos participantes da celebração litúrgica. Ora, pode-se afirmar a liturgia como lugar teológico (cf. TABORDA, 2008, p. 589).

A presença, no seu sentido antropológico, não é estar junto ao outro, mas *estar/ser para o outro*. Nesse sentido posso estar fisicamente distante do outro e, no entanto, o outro me é presente pela recordação, pelo pensamento, por algum objeto que o recorda. A presença espaço-temporal de dois seres é importante apenas como expressão de uma presença no âmbito mais profundo, especificamente humano. A presença espaço-temporal vale enquanto é expressão do ser um para o outro, do estar um para o outro.

Como o Antigo Israel divisava na passagem do Mar o evento fundador de toda a sua economia salvífica, nós, o novo Israel reconhecemos na morte e ressurreição do Senhor o evento fundador da aliança nova e eterna. A morte e ressurreição do Senhor foi para ele fisicamente um evento de morte e vida nova e foi para nós figurativamente um evento de imersão nas águas de morte à condição de servidão e de emersão das águas de vida para a condição de serviço.

A última ceia é teologicamente inseparável da morte-ressurreição. Ela é o sinal profético que, com o evento fundador da morte-ressurreição do Senhor, se evoca e se implica mutuamente, enquanto feitos um à medida do outro. Assim, as palavras da instituição na última ceia, lidas em chave de teologia dinâmica, mais do que tentativa de mostrar a presença real, recebem sopro novo e profundidade salvífica incomparavelmente maiores.

Ao instituir a eucaristia e participar dela Jesus entra profeticamente em comunhão com sua morte-ressurreição no sinal do pão e do cálice. Pronunciando as palavras da instituição, estando fisicamente no cenáculo, figurativamente, na eficácia do sinal profético, e por isso realmente, já desceu às águas da morte do Calvário e subiu das águas de vida do sepulcro vazio. A comunidade dos pais, que participa daquele primeiro pão partido e bebendo do cálice, já foi sepultada na morte de Cristo à condição de servidão e, ao mesmo tempo, já ressuscitou em sua ressurreição à condição de serviço. Por sua prefiguração única, irrepetível, a última ceia está orientada com todo o peso teológico ao futuro imediato da morte-ressurreição do Senhor que pré-anuncia profeticamente leva a termo salvificamente.

Paralelamente a esse futuro imediato, se delineia o futuro longínquo, que por uma prefiguração litúrgica – e por isso mesmo destinada à iteração – diz respeito à comunidade das gerações subsequentes, à Igreja. No “fazei isto em meu memorial” (Lc 22,19), a Igreja, novo Israel, reconhece a nova ordem de iteração que exige e desencadeia o rito eucarístico. Se Jesus não tivesse instituído a eucaristia, o evento

fundador de sua morte e ressurreição teria permanecido isolado naquelas coordenadas espaço-temporais que foram então as suas, e a Igreja das gerações subsequentes não teria tido maneira de voltar a imergir salvificamente na morte-ressurreição de Jesus. E isso é necessário, porque depois de ter sido imersa de uma vez por todas na morte-ressurreição do Senhor por aquele rito único que é o batismo, a pessoa ainda volta a pecar, a acenar nostálgicamente “aos faraós de turno, na busca ilusória de prosperar em seu serviço”.

Por essa razão, o retorno ao Calvário se impõe teologicamente. Mas não se pode voltar fisicamente ao Calvário e à tumba do Ressuscitado nem pedir que tais eventos aconteçam novamente. Assim, a celebração eucarística é o modo de ir ao Calvário e ao sepulcro vazio. Não se trata de uma ida física, mas *memorial*, pela retomada ritual do sinal profético do pão e do cálice, por uma ação figurativa, sacramental e, portanto, absolutamente real. Trata-se, portanto, de uma efetiva reapresentação ao evento fundador, pois este é inamovível: cada pessoa, pela dinâmica sacramental, realmente se move para ser reapresentada salvificamente ao Calvário e ao sepulcro do Ressuscitado. Embora as reapresentações judaica e cristã sejam de mesmo teor, a cristã é imensamente superior à judaica, pois não é mais levada a termo com o cordeiro prefigurativo, senão em virtude da comunhão à presença real do corpo sacramental do verdadeiro Cordeiro de Deus. De acordo com Giraud:

[...] de geração em geração, cada um de nós é obrigado a ver-se a si próprio – com os olhos penetrantes da fé – como tendo estado lá no Calvário, na primeira Sexta-feira santa e diante da tumba vazia, na manhã da ressurreição. Pois não só nossos pais estavam lá, mas também nós todos, reunidos hoje aqui para celebrar a eucaristia, estávamos lá com eles, prestes a morrer na morte de Cristo e a ressurgir em sua ressurreição (GIRAUDO, 2003, p. 90).

Celebrar a eucaristia é, portanto, comungar com o Vivente, que continua a dar-se a cada pessoa no sinal de sua morte, para permitir que cada uma seja reapresentada sacramentalmente à eficácia redentora do único sacrifício. Quando se da comunhão deve se sentir teologicamente em movimento com os pés teológicos, pés da fé, que transportam lá para o Calvário, para imergir ainda mais uma vez com Ele para uma existência relacional sempre nova, já que a missa é todo o Calvário, é todo o fulgor da manhã da Páscoa.

Diante dos dados analisados na abordagem mistagógica do Giraud, nota-se que o pensamento do Papa Francisco sobre a eucaristia vem ao encontro desta abordagem.

Mas, vale acrescentar que vai além, pois une a dimensão mistagógica com a criação e o compromisso que cada pessoa deve ter com o meio ambiente. Para tal atitude, o Papa Francisco usa a expressão de que a pessoa atua como guardião do mundo. No próximo tópico, procura-se analisar filosoficamente a expressão guardião à luz do filósofo Montaigne que trata da suspensão do juízo no processo do filosofar no desejo de vivenciar a vida e refleti-la.

### **3. A relação entre guardião do mundo com a suspensão do juízo em Montaigne**

Vaz aponta que Montaigne “transmite ao racionalismo emergente os temas da observação de si mesmo e do ‘conhece-te a ti mesmo’, como da lei natural e da natureza como guia das ações” (VAZ, 1991, p. 81). Desse modo, o “eu” montaigniano se torna objeto de investigação, a fim de buscar o sentido da vida n reflexão atenta nas experiências vividas.

O ensaísta é considerado cético, ou seja, que se interroga diante das diversas circunstâncias colocadas pela vida e nada responde de forma dogmática, de forma que recusa até a confessar que nada sabe, porque atende à divisa *que sais-je* “que sei eu?”. De fato, ele apresenta profunda aproximação com o ceticismo.

O ceticismo apresenta duas faces. A primeira, significa que nada é verdade. A segunda, que nada é falso. Montaigne incorpora a formação cética e, inclusive, ultrapassa-a, uma vez que principia por ensinar que toda verdade se contradiz, quiçá acabe por reconhecer que a contradição seja verdade. Aliás, a primeira e a mais imprescindível das contradições é aquela pela qual a recusa de cada verdade descobre uma nova espécie de verdade. O autor encontra com uma multiplicidade de verdades que ainda mais o estimula a ensaiar e a não se contentar com o conhecimento adquirido.

Nesse sentido, ensaiar será o gênero literário capaz de expressar a sua interioridade e refletir sobre o papel da filosofia em sua vida. O ensaio se assemelha ao pintor, pois ali se vê as imagens e os arabescos, a saber, as contradições impostas pelo tempo, bem como suas opiniões pessoais fundamentadas na experiência da honestidade, que aos olhos de um tirano pode ser interpretado como uma expressão do fracasso. Ele, no capítulo primeiro *Do útil e do honesto* da terceira seção, frisa “[B] Eu não escondo minhas opiniões, por duras que sejam, e mostro-me como sou: um intermediário ingênuo e inexperiente, antes disposto a fracassar do que a enganar” (MONTAIGNE; III, 1, 1962, p. 769). Ele deseja ser honesto na investigação de si mesmo para que o



leitor possa, também realizar o mesmo. O princípio do filosofar implica o reconhecimento das próprias misérias no intuito de não enganar e sim revelar os detalhes do próprio “eu” em cada *dóxa*, opinião a ser revelada.

Montaigne pinta a consciência de si mesmo e o faz com precisão, num trabalho cético e, acima de tudo, utiliza-se da formação humanista e, vai além dela, porque medita sobre o próprio julgamento. Pode-se inferir que nunca saiu de um certo *thaumazein*, espanto, diante de si que constitui toda a substância de sua obra e de sua sabedoria. Nunca cansou de experimentar o paradoxo de um ser consciente no mundo moderno. Neste ponto, o pensador se diferencia de Descartes. Para este último a consciência é espírito, ao passo que, para Montaigne, trata-se de uma busca constante de si.

A consciência, em Montaigne, não é logo à primeira vista espírito, pois é presa e livre concomitantemente, e, num único ato ambíguo, abre-se a objetos exteriores, e sente-se alheia a eles, numa *epoché*, suspensão do juízo. Ele não conhece o lugar de repouso, a posse de si que será o entendimento, mais tarde, na filosofia cartesiana. Ele, conforme menciona no capítulo nono *Da vaidade* da terceira seção, mostra como constitui a produção de seus ensaios: “[B] Amplio o meu retrato, não o corrijo [...] [C] [...] meu livro é sempre o mesmo, só que acrescento alguma coisa a mais em cada nova edição, a fim de que o comprador não saia lesado” (MONTAIGNE; III, 9, 1962, p. 941). As páginas acrescentadas na nova edição correspondem às novas descobertas na investigação do “eu”.

O mundo, para Montaigne, e, também, para Pascal, não apresenta uma certeza imutável e sim a oportunidade de cada um se voltar para si mesmo e averiguar a sua relação com o mundo que o rodeia, um mundo em que o “eu” se interroga para encontrar o sentido de sua existência. O autor procura nos ensaios expressar não somente ideia e sim a própria vida, com suas contradições e acertos. O seu principal recurso para o exercício da pintura será a suspensão do juízo.

No capítulo segundo *Do arrependimento* da terceira seção, ele comenta: “[C] falo de mim mesmo, de Michel de Montaigne, e não do gramático, poeta e jurisconsulto, mas do homem” (MONTAIGNE; III, 2, 1962, p. 782). Eis o indício humanístico em Montaigne: a fala de si mesmo na procura de sua própria razão de existência.

Diferentemente dos animais, o homem, para Montaigne, transforma e desfigura os poderes, devido ao movimento da consciência. De acordo com Birchal: “Montaigne,

por sua vez, quando considera a situação do homem em relação aos outros seres que o cercam, vê algo de totalmente diferente, vê que o homem é vítima não apenas do engano, mas da presunção, ao se acreditar superior aos outros seres” (BIRCHAL, 2006, p. 234). Os ensaios implicam uma experiência de si mesmo. O homem pensa que por ter a razão seja capaz de ser melhor do que os outros. Nisso, Pascal se assemelha a Montaigne, uma vez que o homem prefere o *divertissement*, divertimento para não encontrar consigo mesmo e ter que encarar as suas misérias. Dessa forma, perde-se a oportunidade de viver a vida e simplesmente passa o dia a dia na ilusão de pensar que já sabe tudo.

Hugo Friedrich comenta sobre o homem montaigniano como um ponto do universo, que se encontra sem esperança e se sente fraco diante da multiplicidade que o rodeia (FRIEDRICH, 1968, p. 131). Friedrich aponta a bem a fraqueza do homem. Todavia, nota-se que apesar de ser fraco, ele ganha força à medida que julga suas ações, de sorte que expressa uma filosofia humanista interrogativa, em virtude do julgamento se debruçar sobre o próprio julgamento. Nessa atitude, Montaigne vai além do ceticismo, pois se concentra na análise do homem.

Percebe-se, no pensamento montaigniano, a mistura da alma com o corpo, que é o seu campo específico. Ele só se interessa pela condição de fato e seu livro descreve sem cessar esse fato paradoxal a respeito do que é o homem. Ele deseja que se meça o não-ser com um olhar seco, e que, ao conhecer a morte inteiramente nua, conheça-se a *zoé*, vida, inteiramente nua.

Em relação à religião, Montaigne não se aprofunda neste campo, porque vê nela uma duplicação do homem em tentar explicar aquilo que é inexplicável. O homem, carregado com a sua *miseria hominis*, coloca as suas palavras na boca de Deus. A religião é válida pelo fato de reservar o lugar do estranho e de saber que o destino do “eu” é enigmático. Todas as soluções que ela oferece ao enigma são incompatíveis com a condição monstruosa do homem. Como interrogação, a religião possui fundamento com a condição de continuar sem resposta. É um dos modos da sua loucura e sua loucura é imprescindível. Quando se coloca no centro do homem não o entendimento contente de si, mas uma consciência que se espanta de si mesma, não se pode anular o sonho de um reverso das coisas, tampouco reprimir a invocação sem palavras desse além. Ele, no capítulo 12 *Apologia de Raymond Sebond* da segunda seção, fala: “[...] Deus é poder, verdade, justiça, dizemos nós. Estas palavras sugerem uma ideia de

grandeza, mas o que representam realmente nós não o vemos, não o concebemos” (MONTAIGNE; II, 12, 1962, p. 479). Para Birchal:

A crítica de Montaigne destituiu o homem do espelho do divino no qual até então ele se vira – e as conseqüências desta posição são enormemente significativas no que diz respeito ao conhecimento de si [...] quando tenta se espelhar em Deus, o homem, só encontra uma duplicação de si mesmo; nunca a solução, mas a repetição de seu mistério (BIRCHAL, 2006, p. 239).

Quanto ao estoicismo, Montaigne se inclina evidentemente a viver segundo si mesmo, porque a divisão estoica do exterior e do interior, da necessidade e da liberdade, é demasiada abstrata, pois o homem está indivisivelmente dentro e fora. O estoicismo, para o ensaísta, só pode ser uma passagem. Ensina o homem a ser e a julgar contra o exterior. O mais característico dele talvez esteja no pouco que afirma acerca das condições e os motivos dessa volta ao mundo. A dúvida se aprende no âmbito das opiniões, nas quais o homem julga possuir verdades. O pensamento, quando se interroga, nunca cessa de continuar-se e de contradizer-se, mas há um pensamento em ato que não é o nada, e, com isso, os ensaios serão a forma de pintá-los e torná-los vivos no campo da existência literária. Segundo Birchal,

as questões se recolocam por novos ângulos e problemas que parecem esgotados ou resolvidos retomam-se infinitamente. Isto se deve, em geral, ao fato de que a crítica nunca dissolve ou resolve os problemas, nem os invalida ou recusa definitivamente. Fazê-lo seria conferir um poder por demais definitivo à razão (BIRCHAL, 2006, p. 237).

O ponto fixo montaigniano é encontrado no fato de haver opinião, de haver aparência de verdade e de bem. Reencontrar o natural, a ingenuidade, a ignorância, é, então, reencontrar a graça das primeiras certezas, na dúvida que as cerca e as torna visíveis. Ele não se limita a duvidar e sim faz dela uma filosofia humanista interrogativa. De acordo com Merleau-Ponty, “duvidar é uma ação, a dúvida não pode, portanto, abater a nossa ação, o nosso fazer, que lhe vence a resistência” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 231). Dessa forma, nota-se uma filosofia de pintar a si mesmo com a diversidade de assuntos que possam parecer ilógicos para os outros.

Enfim, a filosofia de Montaigne se caracteriza pelo gênero literário do ensaio. Ensaíar, desse modo, significa escrever as experiências da vida, seja de leitura de livros, seja do dia a dia, com o intuito de refletir a partir delas. A pessoa que consegue realizar a suspensão do juízo no exercício de ensaiar, pode encontrar o sentido da vida, pois

passa a perceber que ela é um ser no meio dos demais seres. Cabe a ela viver melhor cada momento e, sobretudo, perceber que os outros seres são importantes também no mundo. Nisso, a reflexão montaigniana colabora na compreensão do Papa Francisco em torno da explicação de que a pessoa atua como guardião do mundo. Ser guardião quer dizer aquele que é capaz de suspender o seu juízo para ver que não é superior às demais criaturas e que ela pode colaborar na obra da criação. Com isso, o Papa Francisco une a dimensão da criação com a eucaristia para mostrar que na eucaristia se nota o valor da doação para que a vida continue.

## **Conclusão**

Enfim, refletir a eucaristia a partir da *Laudato Si* permite ver a maneira que o Papa Francisco articula a elevação da criação na eucaristia, visto que Jesus exercita a ética oblativa caracterizada pelo exercício de doação ao outro no desejo de que este possa, realmente crescer e ser *magis*, mais para amar e servir ao Criador. À medida que cada pessoa possa fazer uma experiência mistagógica, tal como proposta por Cesare Giraudo, ela conseguirá entrar em contato com o mistério de Deus. Marsili, por sua vez, fala da importância dos sinais para que a pessoa possa meditar diante dos símbolos litúrgicos. A concepção do Papa Francisco de que as criaturas atuam como guardiões significa que elas precisam cuidar e colaborar no dia a dia.

Ao fazer um exercício filosófico da expressão de que as criaturas são guardiões, nota-se que a concepção de homem de Montaigne vem ao encontro da reflexão da *Laudato Si*, porque o homem não é nada mais e nada menos do que os demais seres da natureza (cf. MONTAIGNE; II, 12). Cabe ao homem ser capaz de fazer a *epoché*, suspensão do juízo no intuito de ser capaz de conhecer a diversidade de opiniões no mundo e a multiplicidade de si mesmo.

A eucaristia ultrapassa a Igreja que a celebra, já que ela “faz a Igreja”, porque ela torna presente o mundo da ressurreição e da vida em plenitude, que constitui o projeto do Pai, a saber, mundo fraterno, de partilha, diálogo e comunhão. A eucaristia “faz sair” rumo à encarnação, à vida real e concreta, rumo à vida humana, para que a Igreja possa trabalhar e se constituir uma perita em humanidade, servidora e samaritana: sair com Cristo e, pela oferenda de si unida à sua única oblação, viver uma realidade pascal (cf. BORIS y GRACIANI, 2016, p. 459-460).

Segundo Boris e Graciani, “assim como Jesus, ao ser glorificado, levou o tempo para a eternidade, assim também a presença do Ressuscitado, suscitada pelo memorial, traz para o tempo a eternidade” (BORIS y GRACIANI, 2016, p. 452). A eternidade se faz presente no temporal e assinala a importância da *zoé*, vida no sentido das criaturas ligadas com o Criador. A força poderosa de YHWH adquire carne e se faz pessoa no meio das criaturas. Quando se medita a beleza da encarnação divina, as criaturas podem, de fato, serem guardiões na linguagem do Papa Francisco e, principalmente responsáveis no cuidado do meio ambiente.

Os frutos da eucaristia não têm limites: são para todos. Aqueles que participam dela são convidados e exortados a partilhar com os irmãos a força e a luz que dela recebem; tornando-se eles, pão partido, isto é, eucaristia. A eucaristia tem a mesma lei da *ágape*: sua fonte e meta é o amor partilhado, tendo em vista o socorro do outro. Quem a recebe e dela participa é chamado a conformar-se a Cristo, tornando-se como ele, um dom para os outros (cf. BORIS y GRACIANI, 2016, p. 462).

A literatura joanina é a que mais aponta acerca da eucaristia, especialmente a narração do lava-pés (cf. Jo 13,1-30) com o gesto de amar até o fim (cf. v. 1) vinculado com o ensinamento de que os discípulos devem repetir o mesmo gesto (cf. v. 15) frente ao desafio da evangelização. Jesus se coloca como pão vivo (cf. Jo 6), porque Ele dará sua carne para que haja a vida na obra da criação. A vida de Jesus foi, de fato, eucarística, porque Ele sempre esteve concentrado na doação por amor em vista de que seus discípulos possam viver de forma semelhante (cf. Jo 15,13). A identidade dos discípulos corresponde ao amor uns pelos outros (cf. Jo 13,35). É preciso, portanto, amar e partilhar e não perder de vista que Jesus amou a cada um por primeiro (cf. 1Jo 4,19). Neste gesto de Jesus se encontra a raiz da celebração eucarística no desejo de que cada participante possa ter a vida em abundância. Nota-se, com efeito, que as reflexões teológicas e filosóficas deste artigo permitirão maior compreensão do Sínodo da Amazônia na atitude de suspender o juízo e na experiência mistagógica da celebração eucarística.

## **Referências**

BIRCHAL, T. As razões de Montaigne. *Síntese*, n. 106, v. 33, 2006. p. 229-246.  
FRANCISCO. *Laudato Si*. Sobre o cuidado da casa comum. Carta encíclica. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html) Acesso em: 20 de junho de 2015, às 18h30.

- FRIEDRICH, H. *Montaigne*. Trad. Robert Rovini. Paris: Gallimard, 1968.
- GIRAUDO, C. *Num só corpo. Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 11-21.
- \_\_\_\_\_. Sacramentos. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1058-1069.
- MERLEAU-PONTY, M. Leitura de Montaigne. In: *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 221-235.
- MONTAIGNE, M. *Essais*. Paris: Gallimard, 1962.
- NEF ULLOA, B.; A. y GRACIANI, M. R. A dimensão missionária da eucaristia. *Theologica Xaveriana*, n. 182, 2016. p. 449-470.
- TABORDA, F. Da celebração à Teologia: por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 255, v. 64, jul./ag., 2004. p. 588-615.
- \_\_\_\_\_. Uma eucaristia viva para uma Igreja viva: reflexões em torno a um discurso do Papa Francisco. *Atualidade Teológica*, n. 58, v. 22, jan./abr., 2018. p. 91-119.
- VAZ, H. C. L. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Loyola, 1991. v. 1. (Filosofia, 15).

*Recebido em: 25/09/2019*

*Aprovado em: 20/11/2019*